



Vídeo-documentário: Uma Cidade nas Ondas do Rádio¹

Íkara Ferreira RODRIGUES²

Erotilde Honório SILVA³

Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE

RESUMO

O vídeo-documentário *Uma cidade nas ondas do Rádio* é parte da pesquisa História e Memória da Radiodifusão Cearense, desenvolvida na Universidade de Fortaleza. O objetivo é resgatar e registrar a história do rádio no Ceará através de depoimentos de história oral, documentos escritos, imagens e outros tipos de registros. O presente vídeo trata da trajetória profissional do radialista Narcélio Limaverde, desde o seu ingresso no rádio em 1954, pela Ceará Rádio Clube, até os dias atuais, onde atua na Rádio O Povo/CBN, ambas localizadas na cidade de Fortaleza. A narrativa aborda a eclosão do Regime Militar, a chegada da televisão no Ceará e a readaptação do rádio aos novos tempos.

PALAVRA-CHAVE: Rádio; sociabilidades; comunicação.

O vídeo-documentário *Uma Cidade nas Ondas do Rádio* é parte da pesquisa História e Memória da Radiodifusão Cearense, desenvolvida na Universidade de Fortaleza, UNIFOR. Esta Pesquisa tem como objetivo resgatar e compreender a instalação e o desenvolvimento da radiofonia no Ceará, para isto toma como referências materiais escritos, imagens, a história oral de vida e outros documentos. Este conjunto de informações nos permite compreender como os indivíduos experimentaram e interpretaram acontecimentos, situações e modos de vida de um grupo ou da sociedade em geral.

Nesta pesquisa a memória se concretiza nas reminiscências dos artistas, técnicos, atores, atrizes, locutores, locutoras, receptores e empresários que materializaram esta história. Essas pessoas são o recorte, o meio e a mediação para a aprendizagem social das gerações que estão por vir. Ressaltamos ainda a implantação do Rádio no Brasil, enfatizando seus impactos no pensamento contemporâneo.

As entrevistas de história oral são tomadas a partir de uma seleção das personalidades que fizeram parte da construção do rádio no Ceará. Logo após esta triagem é marcada a entrevista, aonde uma equipe composta por técnicos, professor orientador e alunos vai até o entrevistado recolher dados referentes à implantação e a construção

¹ Trabalho submetido XIX Expocom, na categoria B Jornalismo, modalidade processo, como representante da Região Nordeste.

² Aluna líder do grupo e estudante do 7º Semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UNIFOR, email: ikaraferreira@hotmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UNIFOR, email: eroh@unifor.br.



histórica do rádio cearense, as relações sociais, econômicas e culturais mediadas pelo veículo de comunicação por excelência das décadas de 1930, 1940 e 1950.

O seguinte passo é a transcrição da entrevista privilegiando as falas e os fatos de maior relevância histórica e social do depoimento. Feito isto, o material selecionado vai para a edição de vídeo. Esta é uma outra ocasião na qual a partir da rememoração do entrevistado, nomes, fatos, lugares citados, eventos, documentos existentes em qualquer suporte são adquiridos para a melhoria do vídeo.

Após a finalização da edição é marcada a data de lançamento do vídeo-documentário devidamente divulgado ao público acadêmico e externo, mobilizando as mídias de rádio, televisão, jornais, banner, cartazes e convites. O lançamento é realizado no Auditório da Biblioteca da Universidade de Fortaleza, em um evento gratuito e aberto ao público, no qual se realiza uma palestra referente à época em foco.

As entrevistas realizadas pela pesquisa História e Memória da Radiodifusão Cearense, além de contribuírem com a produção de vídeos-documentários, também são utilizadas para a produção de artigos científicos, monografias e trabalhos acadêmicos de professores e alunos a serem apresentados em GT's de mídia sonora, nos congressos de comunicação.

Início da Radiofonia Cearense:

O Rádio, que teve suas primeiras transmissões no Brasil na década de 1920, foi o primeiro veículo comunicacional “a falar individualmente com as pessoas, cada ouvinte era tocado de forma particular por mensagens que eram recebidas simultaneamente por milhões de pessoas” (CALABRE, 2002, p. 9).

No Ceará, a história da radiofonia se inicia com um grupo de administradores, que fundaram, em 1924, a Rádio Club Cearense. Como no restante do Brasil, o formato de clubes ou sociedades foi o que viabilizou a instalação do incipiente veículo, que possuía uma programação acanhada e voltada para um pequeno grupo elitista. Segundo Renato Murce:

No começo, pretendiam impor o rádio apenas como veículo de um tipo de cultura, com uma programação quase que só de música chamada erudita, conferências maçantes, palestras destituídas de qualquer interesse, enfim, um rádio sofisticado para meia dúzia de crentes, não atingindo a massa (MURCE, 1976, p. 19-20).



Oficialmente, o primeiro licenciamento de emissora de rádio, no Ceará, só sairia em 1934, quando a então Rádio Club Cearense passa a ter o prefixo PRE-9 e a se chamar de Ceará Rádio Clube. De acordo com Eduardo Campos:

Não está bem definido quando se iniciaram os programas de rádio, elaborados para o ouvinte. Mas por volta dos anos iniciais da Ceará Rádio Clube, revelações como José Pompeu Gomes de Matos, Lauro Maia, José e Estevão Emílio de Castro e Aloysio Pinto, já tocavam piano nos estúdios da pioneira cearense (CAMPOS, Entrevista, 2004).

Durante a década de 1930 o amadorismo foi predominante nas transmissões radiofônicas no Ceará. As notícias veiculadas no rádio eram réplicas das publicadas nos jornais. Esta prática, de acordo com Narcélio Limaverde permaneceu presente nas Rádios cearenses até a década de 1950:

O jornalismo do rádio (cearense), se limitava a um jornal pela manhã, às 6h30min, que era praticamente feito à base do jornal “Unitário”, que, assim como a Ceará Rádio Clube, também pertencia aos Diários Associados. E à noite, às 22h30min, havia um grande jornal, chamado, “PRE-Nove” (NARCÉLIO, entrevista, 2007).

Um dos primeiros programas veiculados pela Ceará Rádio Clube, intitulado “Coisas que o tempo levou”, surgiu no final da década de 30 e levava, diariamente, aos ouvintes crônicas feitas inicialmente por José Cabral de Araújo, e que depois, passaram à responsabilidade de José Limaverde.

Na década seguinte (1940) desenvolveu-se no Brasil o sistema de ondas curtas, que ampliava o acesso às transmissões radiofônicas, no espaço e no tempo. Era chegada a época de ouro da radiodifusão, “caracterizada por uma programação voltada ao entretenimento, predominando programas de auditório, radionovelas e humorísticos” (FERRARETTO, 2001, p.112).

Neste mesmo período a pioneira cearense PRE-9, obteve significativas transformações em sua programação e estrutura física. O motivo, que ocasionou tais mudanças, foi à venda da emissora aos Diários e Emissoras Associados, um dos maiores conglomerados de comunicação já existente no Brasil, dirigido por Assis Chateaubriand. Para Eduardo Campos (2004: Entrevista), essa foi uma época de aperfeiçoamento e melhoria dos padrões de redação e de apresentação dos programas.

No final da década de 1940, a Ceará Rádio Clube se viu diante de mais um desafio, a inauguração, em 09 de outubro de 1948, de sua primeira concorrente: a Rádio



Iracema de Fortaleza. É neste período, que o profissional do microfone começa a ter a especificação de suas funções.

As funções dentro do rádio vão-se tornando independentes, passando a fase em que o mesmo radialista, por solicitação da empresa ou de seu próprio espírito de trabalho, era levado a diversificar a sua atuação, constatando-se a presença do locutor também como rádioator, organizador de programa, redator, animador de auditório, etc. (CAMPOS, Entrevista, 2004).

Narcélio Limaverde – “Uma cidade nas ondas do rádio”:

No presente documentário tomamos como enfoque a trajetória profissional do radialista Narcélio Limaverde, desde seu ingresso no rádio, em 1954, pela Ceará Rádio Clube, até os dias de hoje, onde atua na Rádio O Povo/CBN, ambas localizadas na cidade de Fortaleza, capital do Ceará.

Este documentário retrata, de forma cronológica, a vida, as vivências e o envolvimento do profissional com o Rádio. Seu depoimento é tomado como um relato de História Oral, dentro do qual são narradas as interações sociais vivenciadas por ele, desde o seu iminente desejo de trabalhar no veículo Rádio:

(O rádio) Entrou como um meio de vida. Eu era funcionário público, funcionário da Secretaria Interior de Justiça. Em uma tarde quando ligava pra lá, uma senhora que atendeu, disse: “Narcélio, você tem a voz radiofônica como seu pai (José Limaverde)”. Aí começou a aguçar minha curiosidade, que eu deveria entrar na radiofonia, principalmente porque eu poderia ter um outro ordenado. (NARCÉLIO, entrevista, 2007)

No início da década de 1950, a Ceará Rádio Clube aumentou seu quadro de funcionários, com a contratação de artistas e profissionais do rádio. Em 1954, a Emissora realizou um concurso para radialistas, dentre os três primeiros colocados, especificamente em terceiro lugar, foi classificado Narcélio Limaverde, filho de José Limaverde, um dos primeiros locutores da PRE-9.

Nesse período, Fortaleza possuía 240.000 habitantes (JUCÁ, 2000, p. 129), destes, a maioria era composta por analfabetos de baixa renda. O acesso a bens de consumo como livros, jornais, cinema e revistas, era restrito às elites. Com o desenvolvimento da radiofonia, a parcela excluída da população, passou a ser vista como um potencial *niccho* de consumidores.



Na década de 1950, a indústria e o comércio, com a regulamentação da publicidade, passaram a usar o Rádio como um meio de maior alcance na divulgação de seus produtos. Por não exigir dos ouvintes nenhum tipo de conhecimento formal, o Rádio tornou-se um veículo de grande abrangência perante a sociedade fortalezense, chegando a todas as classes sociais. Ao mesmo tempo, o veículo transformou-se no principal meio de propaganda da época. “Neste período, cerca de 60% do capital destinado à publicidade, pelas empresas, era aplicado no rádio” (ANDRADE e SILVA, 2008, p. 04).

No vídeo *Uma cidade nas ondas do Rádio*, Narcélio lembra⁴ a participação publicitária no radialismo fortalezense, na década de 1950:

Os grandes anunciantes eram *Flama Símbolo de distinção*, uma loja que vendia artigos da moda para as mulheres, artigos que a gente chamava de “toucador”, que era o pó e o batom. Tinha o *Cilión*, produto que se passava nos olhos para brilhar. Tinha também a *Cruzeiro*, que era a loja mais completa da cidade; as *Lojas de Variedades*, a favorita da população; as *Casas Ucacioli*, uma maravilha em exposição, a babilônia em sortimento. Havia também a *Rianil*, a loja azul da Floriano Peixoto, dentre muitas outras (NARCÉLIO, entrevista, 2007).

O Rádio também trouxe ao cotidiano social um novo significado de notícia, os acontecimentos ganharam maior velocidade perante o novo veículo. Segundo Lia Calabre, “ao partilharem das mesmas fontes de notícias, os indivíduos se sentiram mais integrados, possuindo um repertório de questões comuns a serem discutidas” (2002, p. 09). Não eram só as notícias que possuíam destaque no radialismo cearense, de acordo com Narcélio a preferência dos ouvintes era pelos programas musicais:

Durante a programação eram apresentados vários noticiosos de cinco minutos, de hora em hora, durante o dia e à noite também. Mas o grande forte, o mais importante do rádio era a música, principalmente, porque os ouvintes exigiam mais música. Entre uma canção e outra havia somente a publicidade e os intervalos comerciais (NARCÉLIO, entrevista, 2007).

⁴ Segundo Marilda Menezes, “o *lembrar* não é viver mais uma vez no inconsciente, mas um ato de reconstrução do que foi vivido no passado utilizando elementos do hoje, tais como imagens e idéias. A lembrança é construída a partir das práticas sociais e representações do presente; mesmo sendo a imagem que alguém tem da infância, uma vez lembrada, esta não é mais a mesma, conseqüência inevitável do processo de mudança intelectual e perceptiva sobre a qual todos os membros de uma sociedade são submetidos” (2005, p.32).



O rádio inventou práticas cotidianas e estimulou novos tipos de sociabilidades. Segundo Andrade e Silva, “essas sociabilidades se revelavam tanto nas fofocas que giravam em torno, por exemplo, dos encontros e desencontros das personagens das radionovelas bem como era evidenciada no carinho inocente dos fãs do rádio com seus produtores” (2008, p. 09). Narcélio, que vivenciou tais sociabilidades, conta que o assédio das fãs fazia parte do cotidiano dos profissionais de rádio:

Muitas cartas eram enviadas, principalmente na fase das novelas, aos radioatores. Nós apresentadores de notícias recebíamos telefonemas, era aquela história: “ah, você tem a voz muito bonita!”. Porém as coisas não eram fáceis. Tudo era muito difícil, inclusive essas meninas que telefonavam para a Rádio. (NARCÉLIO, entrevista, 2007).

A relação entre ouvintes e profissionais da radiofonia cearense, segundo Narcélio, era permeada por um vínculo que perdurava durante décadas. Porém, para se alcançar esta fidelidade, por parte do público, os produtores de rádio deveriam obedecer a “uma série de tabus e interditos sociais” (ANDRADE e SILVA, 2008, p. 07).

No rádio não se podia dizer determinadas coisas. Um palavrão dito aqui, numa emissora de rádio, palavrão que é típico do cearense que identifica um homossexual, chegou a demitir um radialista por tê-lo pronunciado ao microfone, achando que este estava desligado. (NARCÉLIO, entrevista, 2007).

O Rádio, aos poucos, transformou-se em um elemento marcante no cotidiano da população fortalezense, até a década de 1950, tornou-se um “ícone da modernidade”, assumindo o papel de mediador das interações sociais na vida privada e pública. “Lançado como uma novidade maravilhosa, o rádio transformou-se em parte integrante do cotidiano. Presença constante nos lares converteu-se em um meio fundamental de informação e entretenimento” (Calabre, 2002: 7). Segundo Andrade e Silva:

O rádio foi fundamental para impulsionar as mudanças dos hábitos da população; as indústrias, as empresas de produção de bens, tais como alimento, vestuário, cosméticos, entre outros, descobriram no veículo seu potencial de propagação e convencimento, além do poder de criar a necessidade de uso de novos produtos, sobretudo por meio das propagandas. A associação entre esse modelo em série que se instaurava, nas indústrias e nas empresas de prestação de serviços caracterizavam uma nova sociedade: *a sociedade de consumo* (2008, p. 12).



Os anos 50 do século XX, também ficaram marcados no radialismo cearense, pela fundação de mais três emissoras: em 1956, era fundada a Rádio Uirapuru de Fortaleza; em 1957, seria a vez da Rádio Verdes Mares, que assim como a PRE-9, também fazia parte dos Diários e Emissoras Associados. Já a rádio Dragão do Mar foi a última emissora de rádio fundada na “Década de Ouro”, o início de suas transmissões se deu no ano de 1958, a emissora tinha, segundo Blanchard Girão, “o objetivo primordial de levar a flamejante palavra de ordem das oposições (políticas) aos mais recônditos pontos do território cearense” (2005, p. 21).

Segundo Dejjane Lopes, essa foi a melhor época da radiofonia no Ceará. “Foi uma época caracterizada pelo grande número de emissoras que se instalaram em Fortaleza e no Estado durante toda a década, cada uma com seus estilos e peculiaridades” (LOPES, 1997, p. 20).

Era visível o processo de transformação, pelo qual passava o país. Especialmente a partir do governo de Juscelino Kubitschek, cuja meta prioritária era o incentivo à expansão econômica através da industrialização. O governo de JK ficou marcado pela sua política desenvolvimentista, de “50 anos de progresso em cinco”.

O Ceará, de 1954 a 1958, foi governado pelo jornalista e deputado Paulo Sarasate do partido da União Democrática Nacional (UDN). No radialismo local, a Rádio Dragão do Mar tinha como pauta principal a campanha a favor do Partido Social Democrata, PSD, ao mesmo tempo em que combatia as políticas do atual Governo do Estado. Em pouco tempo a Rádio passou a ocupar uma posição de destaque, na sociedade cearense, com uma radical política de denuncia contra o Governo udenista.

A chegada da televisão em Fortaleza:

No dia 12 de maio de 1959 os jornais pertencentes aos Diários e Emissoras Associados, publicavam a notícia com o seguinte título: “Dez razões que garantem a instalação da TV Ceará”. Esse era o anúncio da chegada da primeira televisão cearense, que seria inaugurada no dia 26 de novembro de 1960.

A implantação da *TV Ceará* - Canal 2 ocorreu de forma lenta e gradual. A programação foi trabalhada e produzida durante meses. De acordo com Narcélio, a maioria dos profissionais da radiofonia, com a chegada da televisão, migraram para o novo meio:

Nós todos, praticamente, fomos para a televisão. Todos nós radialistas da Ceará Rádio Clube fomos para a TV Ceará, que era uma emissora



pertencente aos Associados. (...) Eu fui o primeiro apresentador de notícias do Ceará. Apresentava o *Repórter Cruzeiro*, patrocinado por uma loja que tinha esse nome, aqui em Fortaleza. Todos os radioatores foram aproveitados da PRE-9, com algumas exceções. Também foram feitos concursos para a atuação na TV Ceará, Canal 2 (NARCÉLIO, entrevista, 2007).

Narcélio, que vivenciou a experiência de atuar no Rádio e na Televisão, conta como era a receptividade do público, para com os profissionais que ingressavam no novo veículo:

A influência da televisão era muito grande, até em nós mesmos. Em 1960 (...) eu era um dos mais jovens apresentadores de televisão (de Fortaleza), isto me empolgava. O rádio era a voz, eu chegava numa loja e dizia: “quanto é isso aqui?”. E a pessoa respondia: “ah, o senhor é o Narcélio Limaverde, do rádio!”. Já quando eu trabalhava na televisão, bastava passar na calçada, que já diziam: “Opa, Narcélio! O quê que há?”. Quer dizer, me conheciam sem eu precisar dizer meu nome. Às vezes, quando nós viajavamos para fora do estado ou do Brasil, ficávamos achando que, quando uma pessoa olhasse pra a gente, ela ia falar conosco, porque nós éramos conhecidos. (...) Nós tínhamos raiva, quando a alguém pergunta o nome da gente (NARCÉLIO, entrevista, 2007).

É importante lembrar que esses relatos feitos pelo radialista Narcélio Limaverde são de extrema importância no que diz respeito à reconstrução da história da radiofonia cearense.

O Rádio e a chegada do Regime Militar:

O rádio na década de 1960 continuou sendo um veículo de grande audiência. A televisão dava seus primeiros passos e o Rádio ainda era o meio que transmitia os grandes eventos que aconteciam no País. No ano de 1964, eclodiu no Brasil o Regime Militar.

Em 1964, eu ainda trabalhava na Secretária do Interior e Justiça como auxiliar de escritório, quando fui alvo de inquérito administrativo. Durante o interrogatório descobri o motivo que me levou a ser chamado à 10ª Região Militar: entre 1961 e 1963, período em que atuei na Rádio Dragão do Mar, eu lia diariamente a crônica “A Nossa Palavra”, uma espécie de editorial escrito pelo Blanchard Girão, explicitamente favorável às idéias defendidas pelo então presidente João Goulart (NARCÉLIO, entrevista, 2007).

O Governo Militar impôs novas exigências às transmissões radiofônicas, os programas de notícias foram os mais atingidos pelas novas regras.



Nós sofremos porque era difícil você saber de uma notícia, uma informação e não poder divulgar. Você não avalia como era conviver com gente dentro da sua emissora, que nada tinha a ver com a gente, e era a pessoa que iria passar visto nos noticiosos e tinham colegas que aceitavam isso (NARCÉLIO, entrevista, 2007).

As notícias continuaram a dar ênfase a sociedade de consumo, porém “não proporcionavam mais interações descompromissadas e despreocupadas como as visíveis na década anterior” (ANDRADE e SILVA, p. 13, 2008). A censura militar ocasionou significativas mudanças nas redações radiofônicas, as radionovelas “não combinam mais com as exigências da nova década” (ANDRADE e SILVA, p. 13, 2008). Os programas de auditórios migram do rádio para a televisão.

Se para alguns, o regime de exceção atuou de forma “leve” no rádio cearense, para outros, as ordens de censura ditadas pelos militares tiveram um impacto intenso na forma de produzir notícias em Fortaleza, criando uma sociabilidade que, se dantes alimentava os sonhos de felicidade, agora se fechava num silêncio temeroso e opressor (ANDRADE e SILVA, p. 13, 2008).

Durante o período militar, o radialismo cearense teve que se adaptar, tanto as regras impostas pelo regime, quanto ao novo meio de comunicação: a televisão. Diante de tais desafios, o rádio teve que recriar novos métodos e técnicas de transmissão. Narcélio conta que os profissionais eram provocados a fazerem novos programas radiofônicos, com formatos diferentes:

Quando voltei para o Rádio, foi para enfrentar um desafio: fazer um programa diferente. (...) Eu comecei fazendo um programa que colocava os ouvintes no ar, eles davam opiniões e criticavam. Daí apareceu à idéia, que foi encampada pela própria emissora (nesse período, Narcélio trabalhava na Rádio Verdes Mares) de se ir aos bairros de Fortaleza levando médico, dentista, advogado, emissão de documentos, corte de cabelo, além do show. Essa foi uma invenção da Rádio Verdes Mares, que teve início em 1980 e foi até 1986. (NARCÉLIO, entrevista, 2007).

As emissoras de rádio, aos poucos, foram criando novos espaços de exploração para o veículo radiofônico. Diferente do que muitos previam o rádio não se tornou um veículo obsoleto.

Considerações Finais:

Para concretizarmos este trabalho, utilizamos como metodologia a história oral de vida, que se “constitui em uma metodologia qualitativa de pesquisa voltada para o



conhecimento do tempo presente, que nos permite conhecer a realidade presente e o passado ainda próximo pela experiência e pela voz daqueles que os viveram” (LANG, 2001, p. 96). Através deste estudo procuramos conhecer as versões dos vários agentes que fizeram parte da construção da radiofonia cearense. Esse resgate histórico feito através das entrevistas de história oral nos permite observar “as interações sociais no processo da entrevista, as diferenças das narrativas pela posição de classe ou gênero, bem como as relações entre memória e identidade” (MENEZES, 2005, p.28).

Essa entrevista está dentro de um conjunto de 36 depoimentos realizados pela pesquisa História e Memória da Radiodifusão Cearense, desde 2005, data de seu início. As entrevistas fazem parte do momento de prática da Pesquisa, o qual “permite conhecer diferentes versões sobre um mesmo período ou fato, versões estas marcadas pela posição social daqueles que os viveram e os narraram” (LANG, 2001, p. 96).

Estes depoimentos são caracterizados por serem produzidos a partir de um estímulo, dado pelo pesquisador ao entrevistado, onde lhe são feitas perguntas sobre o fato ou a conjuntura que se quer investigar. Isso torna o estudo da história mais concreto e próximo, facilitando a apreensão do passado pelas gerações futuras e compreensão das experiências vividas por outros.

De acordo com Halbwachs (1990), esse tipo de lembrança, vivenciadas no presente documentário pelo radialista Narcélio Limaverde, faz parte da memória individual, que sempre está relacionada à memória do grupo. Narcélio, ao narrar tais acontecimentos refaz, reconstrói e repensa toda a sua experiência vivenciada no passado.

Para A. Tomsom (2000) a relação entre pesquisador e entrevistado, trata-se de uma interação social que envolve sistemas específicos de comunicação, como por exemplo, a preparação do pesquisador, o local onde se dá a conversa e o estado emocional do entrevistado. Como bem define Marilda Menezes:

“Há um misto de sentimentos; conquista da confiança do depoente, racionalidade, concentração para captar detalhes que não são explicitamente dados, mas que são deixados no ar, no olhar, na postura corporal do entrevistado, até mesmo nas palavras que uma pessoa de fora poderia interpretar como mentira, enquanto um olhar mais treinado pode perceber que se trata de uma verdade, embora esta esteja ou seja mascarada” (MENEZES, 2005, p.29)

Este vídeo esta, pois, ainda concentrado nos mecanismos de construção de uma memória coletiva mediada pelos meios de comunicação de massa. Tomamos aqui, a categoria memória, de acordo com a definição dada por R. Silverstone, segundo o qual, memória “é o que se faz recordar pelo testemunho oral e pelo discurso compartilhável. É



onde os fios privados do passado se entrelaçam no tecido público, oferecendo-nos uma visão alternativa às versões oficiais da academia e dos arquivos”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANDRADE, Roberta Manuela Barros de; SILVA, Erotilde Honório. **A sociabilidade em ondas sonoras:** audiências e o rádio dos anos 50 e 60 em Fortaleza. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Ed. 10. 2007.

CALABRE, Lia. **A era do Rádio.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

ENTREVISTA COM EDUARDO CAMPOS. Obtida pela pesquisa História e Memória da Radiodifusão Cearense. Fortaleza: 2004.

ENTREVISTA COM NARCÉLIO LIMAVERDE. Obtida pela pesquisa História e Memória da Radiodifusão Cearense. Fortaleza: 2007.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio:** o veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.

GIRÃO, Blanchard. **Só as armas calaram a Dragão.** Rio – São Paulo – Fortaleza: ABC Editora, 2005.

HALBWACHS, M. **A memória Coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza (1945-1960).** 2ª Edição. São Paulo: Editora Annablume, 2000.

LANG, B.S.G; AIRES, Lídia M.; SOUZA, M.R. **A interação social no trabalho de campo.** In: Narrativas de homens e mulheres em famílias de camponeses trabalhadores migrantes. Paper apresentado no X Encontro de CSNE. Salvador: 2001.

LOPES, Dejjane Nogueira. **O uso da comunicação como elemento de conquista da Igreja Universal:** o caso da Rádio Record de Fortaleza. Monografia apresentada na Universidade Federal do Ceará, 1997.

MENEZES, Marilda Aparecida de. **História Oral:** uma metodologia para o estudo da memória. Nº 28, 2005, p. 23-36.

MURCE, Renato. **Bastidores do Rádio:** fragmentos do rádio de ontem e de hoje. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

TOMSOM, A. **Aos cinquenta anos:** uma perspectiva internacional da história oral. (p. 47-65). In: FERREIRA, M.M. et. Al. **História oral:** desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Fio Cruz; FGV (CPDOC), 2000.